

**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA  
DE POSSE DE CATIVOS E A HIPÓTESE DO CICLO DE VIDA -  
GUARAPUAVA - SÉCULO XIX**

Fernando Franco Netto<sup>1</sup>

**Introdução**

Este trabalho constitui uma pesquisa introdutória a tese de doutoramento em andamento pela Universidade Federal do Paraná na área de História Econômica e Social. Refere-se a estrutura de posse de escravos numa região de recente exploração como parte da política de ocupação promovida pelo Governo a fim de expansão da fronteira, bem como de defesa territorial. Pretende-se avaliar a partir do estudo da estrutura de posse de escravos, e de alguns elementos característicos dos proprietários de cativos, o comportamento de alguns proprietários de escravos em Guarapuava a partir das listas nominativas de habitantes, referente ao período entre os anos de 1828, 1835 e 1840, observando sua trajetória de vida, a fim de avaliar como eles possuíam cativos durante a evolução de suas vidas conforme iam prosperando em suas atividades econômicas. Finalmente procuramos verificar essas mesmas características para determinados escravistas quando de sua morte através de seus inventários *post-mortem*. Importante salientarmos que a amostra aqui desenvolvida apresenta tão somente aqueles proprietários que se inserem nas três listas nominativas. A posse média de escravos demonstra a tendência de aumento na propriedade de cativos, dando-nos condições para que possamos desenvolver a hipótese do ciclo de vida<sup>2</sup>.

**1. Estrutura de posse de escravos**

A partir das informações com base nas listas nominativas de habitantes dos três anos em estudo, 1828, 1835, 1840 estaremos avaliando o comportamento no tempo da distribuição da escravaria em Guarapuava. A posse média de escravos em Guarapuava apresenta crescimento nos períodos selecionados, visto que a posse média se situava em torno de 2,7 escravos por proprietário para o ano de 1828, mantendo-se a mesma média para o ano de 1835 e com 3,8 para o ano de 1840, conforme pode ser verificado pelos

---

<sup>1</sup> Professor-Assistente do Departamento de Economia da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná e Doutorando pela Universidade Federal do Paraná.

<sup>2</sup> A hipótese aqui estabelecida para o ciclo de vida está baseada no trabalho de Renato Leite Marcondes, 1998.

dados da tabela 1. A razão de masculinidade da população escrava é elevada considerando-se que a grande parte dos escravos era de origem crioula. Essa razão é relevante face as características de sua população como também dos padrões estabelecidos tanto para o Paraná bem como para as economias com suas atividades voltadas para o mercado interno. O crescimento da população escrava feminina supera o apresentado pela população escrava masculina no período. De uma posse média em 1828 de 0,9 esta cresce no ano de 1840 para 1,4 representando um crescimento na posse de escravos de 55,5%, enquanto que a posse média para os homens cresce na ordem de 41%. Dos 16 proprietários em 1828, 87,5% possuíam entre 1 e 4 escravos, e apenas dois proprietários possuíam plantéis superiores à 5 escravos. De qualquer forma, o perfil da posse de escravos em Guarapuava demonstra que o padrão dos plantéis era pequeno e que os plantéis menores, 1 a 4 escravos detinham 63% da escravaria enquanto 37% se concentrava em apenas dois proprietários.

Para os anos subsequentes, verificamos alterações importantes quanto a distribuição da posse de escravos, principalmente para o ano de 1840, visto que a participação dos proprietários de escravos nos pequenos plantéis, em relação ao total, que era de 87,5% em 1828, reduz para 68%. Apesar disso, o número de escravos apresenta uma maior concentração naqueles proprietários com plantéis maiores, mesmo porque, ao analisarmos os números da tabela 1, verificamos que no ano de 1835, 33% dos escravos estavam nas mãos de apenas 4 proprietários, enquanto que para o ano de 1840 esse percentual avança para 57%, aumentando ainda mais a concentração em pequeno número de proprietários, mesmo considerando que o número desses proprietários cresceu para 32% das propriedades, um crescimento importante se considerarmos os outros dois anos estudados, que apresentaram números em torno de 13%.

Um outro indicador interessante, a partir da tabela 2, é que a posse média de escravos evolui no período analisado passando de 2,7 escravos para 3,8 escravos por proprietário, crescimento esse que representa 40,7% da escravaria em 1828, e que teve como principal fator o aumento médio na posse de escravos nas propriedades pequenas. Isto nos faz concluir que a tendência das propriedades era a de possuir pequeno número de escravos, muito provavelmente em função das características econômicas da região

com suas atividades voltadas para a pecuária e a pequena lavoura, base de sustentação de sua economia e que caracterizou as populações escravas no Paraná<sup>3</sup>.

Desta forma, observamos que o movimento da estrutura da posse de escravos em Guarapuava revelam uma concentração menor no período 28/35 comparativamente ao período 35/40. Provavelmente, isto se deve, a ocupação inicial da região que inicialmente voltava-se para a expansão da fronteira face as determinações do Governo, mas que se modifica nos períodos seguintes, com o fortalecimento da atividade de criação, e que promoveria a ocupação das terras por fazendeiros e tropeiros.

Algumas informações dos escravistas são importantes a fim de avaliarmos melhor suas características para os anos selecionados. A maioria dos proprietários são do sexo masculino, portanto achamos dispensável calcularmos a razão de sexo dos proprietários, visto que para o ano de 1828 todos os proprietários eram do sexo masculino; no entanto para o ano de 1835 dos 30 proprietários apenas 2 eram do sexo feminino, enquanto que para o ano de 1840 apenas 1 proprietário era do sexo feminino, de um total de 25 proprietários (tabela 3).

A idade média dos proprietários aumentou gradativamente nos anos selecionados, sendo de 35 anos no ano de 1828, 40 anos para o ano de 1835 e finalmente 42 anos em 1840. Aqui inferimos uma importante análise na qual a propriedade de escravos estava se concentrando naqueles proprietários que ao longo de suas vidas acumulavam riqueza, ao mesmo tempo em que a evolução dos proprietários no tempo não configurou uma mobilidade social importante que traduziria em novos proprietários, visto que dos 30 proprietários de escravos para o ano de 1830 a maioria deles já estavam recenseados no ano de 1828, e para o ano de 1840 o número de proprietários decresce com relação ao ano de 1835, o que para nós poderia ter duas conclusões mais imediatas; primeiramente problemas com o recenseamento e em segundo lugar mobilização para outras localidades não muito distantes de Guarapuava, por exemplo Palmas, e não inseridas no levantamento quando da elaboração da lista de 1840.

Da mesma forma, a participação dos proprietários casados aumenta no período 28/35, passando de um percentual de 73% para 82% o que reflete na participação dos

---

<sup>3</sup> A questão da posse média de escravos ser predominantemente pequena para o Paraná encontramos nos estudos de Horácio Gutierrez, Dissertação de Mestrado, 1986.

proprietários solteiros que decresce de 27% para 18% no mesmo período. Entretanto, já no período 35/40 ocorre o inverso quanto a participação dos proprietários casados e solteiros, sendo 74% para os casados e 26% para os solteiros. O que podemos inferir nesses resultados é que para o ano de 1835 houveram muitos proprietários sem idade o que provavelmente afetou o seu resultado, sendo a tendência geral aquela apresentada nos anos de 28 e 40. Isto reflete também a política de ocupação, promovendo a migração de pessoas mais jovens para a localidade a fim de desenvolverem suas atividades.

A condição dos proprietários levando em conta sua cor, pelos diversos anos selecionados, revela que somente os proprietários de cor branca e parda fizeram parte do levantamento, pois 80% destes eram brancos no ano de 28 e 20% eram pardos. Para o ano de 35 esse percentual se altera para 88% de brancos e 12% de pardos, e finalmente para o ano de 40, 95% eram brancos e 5% pardos. É importante ressaltar que observamos algumas dificuldades no levantamento dos dados, visto que alguns proprietários em determinado ano era definido como pardo, porém sua cor era modificada nos anos seguintes. Não queremos com isto afirmar que devido a essas alterações o percentual de proprietários brancos e pardos se tornariam mais homogêneos.

Na tabela 4, apresentamos os números referentes a posse média de escravos segundo as faixas etárias de seus proprietários. Observamos que a posse média evoluiu em todo o período, principalmente para o último ano analisado, função provável da expansão da atividade da pecuária. Ao analisarmos por cada ano selecionado, verificamos que a concentração dos proprietários para o ano de 1828 se dava na faixa etária mais jovem isto é, entre 20-39 anos, pois detinham 69% da posse de escravos. O restante estava concentrado na faixa etária entre 50-59 anos com 19%, finalmente acrescentamos que havia apenas 1 proprietário na faixa etária mediana, ao mesmo tempo em que observamos a presença de 1 absenteísta fazendo parte da lista de proprietários. Para o ano de 1835, verificamos que os proprietários na faixa etária entre 20-39 anos reduzem seus percentuais para 50%, principalmente em função da participação dos proprietários classificados como absenteístas, que cresce muito no período, enquanto que para as outras faixas etárias o perfil dos proprietários permanece praticamente o mesmo do ano de 1828. Importante ressaltar o crescimento que ocorre na

faixa etária entre 30-39 anos que passa de 7 proprietários em 1828 para 12 proprietários em 1835, um aumento de 71%. Já para o ano de 1840 verificamos algumas alterações importantes na distribuição dos proprietários por faixas etárias, visto que eleva-se a concentração para a faixa etária considerada mediana, com uma participação de 36%. Observamos também que o número de proprietários absenteístas cai muito no período, dando-nos a hipótese de que os proprietários já estavam determinados a residirem em suas próprias posses.

A questão referente a concentração dos proprietários na faixa etária 20-39 anos principalmente nos dois primeiros anos analisados tem sua influência na política de ocupação adotada pelo Governo, e que trouxe como estímulo a mobilidade social com a migração de novos proprietários. Já para o ano de 40, verificamos que o perfil dos proprietários se modifica, visto que provavelmente aqueles que nos anos anteriores se deslocaram para a região estavam formando e consolidando seu patrimônio. O que seria interessante a fim de verificarmos a questão acima está relacionado com possíveis registros dos movimentos migratórios, o que não faz parte da pesquisa aqui desenvolvida mas que traria informações importantes sobre a condição dos proprietários.

Com relação a posse média de escravos, os proprietários na faixa etária entre 20-29 anos detinham 2,5 escravos para o ano de 1828. Para os anos seguintes o comportamento da escravaria oscilou bastante visto que no ano de 1835 esse número caiu para 1,6 crescendo posteriormente para 3,3 escravos no ano de 1840. Analisando os dados verificamos que a faixa etária jovem – 20-39 anos, possui em média 2,2 escravos no período 28-35 elevando-se para 3,5 no ano de 40. Quanto ao ano de 40 tais proprietários detinham em média 2,9 escravos para uma amostragem mais significativa. Para a faixa etária entre 50-59 anos verificamos a maior média dos plantéis. Quando consideramos a faixa etária mais idosa verificamos um número médio de escravos abaixo em média das outras faixas etárias, dando-nos inicialmente as mesmas conclusões da hipótese do ciclo de vida. Finalmente ao verificarmos os números médios de escravos considerando os proprietários absenteístas, apesar do número médio de escravos reduzir-se significativamente no ano de 35, observamos que a posse de escravos tende a ser elevada nos anos selecionados. Como a economia local estava se consolidando na atividade da pecuária, podemos observar os efeitos dessa atividade em

função do crescimento médio da escravaria no período, que passa de 2,7 para 3,8 escravos por proprietário.

Quanto a ocupação dos escravistas, podemos observar que, com exceção do ano de 28, a maioria deles estava concentrada nas atividades voltadas para a pecuária e a criação participando com 77% e 48% para os anos de 35 e 40 respectivamente, conforme tabela 5. Aqui cabe ressaltar que grande parte dos militares recenseados, dos comerciantes e também do Padre local possuíam terras para a criação de animais<sup>4</sup>. Não devemos deixar de considerar que a participação dos militares é crescente visto a necessidade do Governo em proteger a localidade de possíveis ataques contra a fronteira. A metodologia<sup>5</sup> adotada para a inclusão do termo “novos habitantes” no ano de 28 é de considerar aqueles indivíduos que na lista estão com suas profissões não registradas, pois acreditamos que essas pessoas estavam chegando na localidade a fim de constituírem novos domicílios, tanto que na lista seguinte todos eles possuíam profissão registrada. Mas podemos verificar que mesmo sendo pequeno, o número de outras atividades cresce na localidade, demonstrando uma certa diversificação nas atividades locais quanto a dinâmica econômica, o que vêm acarretar uma concentração menor na propriedade de escravos.

É interessante notarmos a queda no número de proprietários para as atividades relacionadas com a fazenda e com a criação nos anos de 35-40. Além de alguns movimentos migratórios para outras localidades, levantamos a hipótese de que alguns proprietários absenteístas deixaram a localidade talvez em função de suas dificuldades de administrar as fazendas. Pelo cruzamento das listas de 35 e 40, 5 proprietários absenteístas que estavam incluídos na lista de 35 não aparecem mais na lista de 40.

Avaliando a faixa etária dos proprietários, e considerando a posse de cativos por faixa etária - tabela 6, verificamos que a grande maioria dos proprietários possuía um número superior de homens em seus plantéis. A razão de masculinidade para a faixa etária 20-29 anos se manteve em 233 para os anos de 28 e 40, apenas no ano de 35 é que o plantel foi um pouco mais homogêneo. Em todos os períodos analisados a razão de

---

<sup>4</sup> Com relação a isto encontramos dados de atividades secundárias para esses proprietários na lista nominativa do ano de 1835 e que registram que os mesmos tinham como segunda atividade a criação de animais. Da mesma forma pelos processos de inventários dos proprietários verificamos a confirmação dessas atividades.

<sup>5</sup> Tomamos a liberdade de inserir a metodologia empregada por José Flávio Motta em seu estudo sobre a estrutura de posse de escravos sobre a localidade de Bananal, 1999.

masculinidade foi importante e significativa, considerando todas as faixas etárias dos proprietários. Ao estudarmos o perfil da escravaria por faixas etárias verificamos que apesar do número expressivo de crianças no ano de 1828 a tendência dos plantéis foi de concentração na faixa etária produtiva, e com muito pouca participação da faixa etária considerada como idosa. Isto significa que o comportamento dos proprietários estava sendo dirigido para manter um perfil de escravaria que fosse o mais produtivo possível.

## **2. Evolução dos proprietários de escravos**

Nesta parte do trabalho estaremos avaliando os proprietários de escravos que participam das três listas nominativas aqui pesquisadas, ou seja, para os anos de 1828, 1835 e 1840. Estaremos preocupados em estudar sua evolução e como a hipótese do ciclo de vida faz-nos compreender melhor a composição da riqueza e de estabilidade familiar entre aqueles proprietários. Estaremos também avaliando 5 proprietários quando de seu falecimento, incluindo portanto a análise de seus inventários, a fim de podermos fazer alguns comparativos importantes quanto ao recorte longitudinal de suas vidas.

Pela tabela 7 os proprietários analisados representam 50,0% para a amostra de 1828, 23,0% para o ano de 1835 e 44,0% para o ano de 1840. Enquanto isso a escravaria representa respectivamente 53,5%, 30,5% e 46,8% do total dos plantéis. Na amostra a predominância é de proprietários do sexo masculino, destes a maioria, 16 proprietários, eram casados perfazendo 76%, 3 proprietários solteiros totalizando 14% e 2 proprietários não tinham o seu estado civil registrado.

A posse média de escravos desses proprietários selecionados evoluiu no tempo. Em 1828 que era de 2,9 escravos por proprietário atingiu a média 4,0 em 1840, com crescimento na ordem de 38,0%. Ao consideramos o ano de 1835, a média de escravos por proprietário foi de 3,6, com um acréscimo à lista de 1828 de 24,0%.

A distribuição da escravaria é analisada na tabela 8. Verificamos que a preferência por escravos do sexo masculino é constante para o período, apresentando uma razão de masculinidade elevada em seus plantéis. O escravo do sexo masculino sempre superou em média as escravas nos plantéis, apesar de um crescimento relativo muito mais expressivo das mulheres escravas, que tiveram no período 28/40 um crescimento no número médio de 75%, enquanto para os homens, esse percentual foi de

19%. Observa-se, portanto, que os proprietários estavam acumulando um volume maior da mão-de-obra escrava feminina. Apesar disso a razão de masculinidade nos plantéis era elevada, o que pode ser observado na própria tabela.

Importante ressaltar que dos onze escravistas selecionados na lista de 1840, apenas oito possuíam escravos em 1828 e sete na lista de 1835. A hipótese que admitimos aqui é de que esses proprietários foram acumulando no período riqueza e se inserindo de alguma maneira nas condições sociais do período, ao mesmo tempo em que verificamos dois proprietários, que na lista de 1828 possuíam escravos, e por algum motivo esses escravos não estão listados no ano de 1835. Ao analisarmos os números dos proprietários aqui selecionados com o total dos proprietários em cada ano podemos tirar algumas conclusões; o número médio de escravos se torna mais significativo para os proprietários da amostra, pois apresentam valores superiores aqueles apresentados pelo total dos proprietários. Em 28, a média de escravos, considerando a amostra, é de 2,9 enquanto para o total dos proprietários é de 2,7. Para os anos de 35 e 40 esses números são mais expressivos, visto que se situam ao redor de 3,5 e 4,0 para os proprietários da amostra, enquanto que para o total dos proprietários eles são de 2,7 e 3,8.

Ao analisarmos o número médio de escravos por ocupação dos proprietários através da tabela 9, identificamos alguns importantes indicadores visto as características da economia local. A distribuição a partir do ano de 1828 indica uma diversificação das atividades dos proprietários, mesmo porque não foram registrados as atividades de 6 proprietários o qual consideramos como "novos habitantes". Entretanto alguns deles já apresentavam como segunda atividade a criação de animais. Do total de escravos no ano de 1840, 54% estavam concentrados naqueles proprietários com ocupação definida de criação de animais, 29% eram posse de militares e o restante da escravaria estava distribuído em 1 comerciante, 2 lavradores e 1 inspetor perfazendo 16% da escravaria. Para os anos de 28 e 35 há uma maior concentração de escravos na propriedade de 1 militar, que possuía 43% da escravaria em 28 e 44% em 35. Entretanto, devemos reafirmar que esse proprietário tinha como prática a criação de animais, pois um de seus domicílios o proprietário era definido como absentéista.

Quanto as características da escravaria considerando a faixa etária dos proprietários, verificamos alguns dados interessantes na tabela 10. Em 1840 as faixas

etárias consideradas mais jovens, isto é, dos 20 aos 39 anos apresenta uma média em sua escravaria de 3,7 escravos por proprietário, enquanto isso, a faixa etária 50-59 anos, considerada como a faixa de estabilidade patrimonial para o proprietário, apresenta uma média de 9,0. Finalmente, a faixa etária idosa apresenta a menor média de posse de escravos. Ao verificarmos os outros períodos observamos essa dinâmica entre as faixas etárias dos proprietários, visto que os proprietários que no ano de 40 estavam na faixa etária dos 50 anos, inseriam-se nos anos anteriores na faixa etária dos 40 anos, o que pode ser observado principalmente no ano de 28. Da mesma forma, podemos inferir esses resultados quando analisamos a faixa etária 20-29 anos, pois para os anos de 35 e 40 não há nenhum registro de proprietários e de escravos. Um outro dado interessante é com relação a evolução da posse média de escravos nas faixas etárias entre 20-39, que passou de uma média de 1,6 escravos no ano de 28 para uma média de 2,0 em 35, e finalmente em 40 o número médio foi de 3,7. Isto provavelmente está relacionado com suas características iniciais de menor condição em adquirir escravos. Também verificamos para as diversas faixas etárias dos proprietários uma alta razão de masculinidade nos planteis, com diferenças importantes apenas em dois momentos específicos que se relacionam com a faixa etária 30-39 anos para o ano de 28 e para a faixa etária 60-69 anos no ano de 40.

Ao considerarmos a posse cativa nos diversos anos selecionados, verificamos que a média de cativos cresce no período. Ao analisarmos os proprietários em conjunto, damos-nos conta de que a posse média de cativos cresceu de uma forma constante nos três anos selecionados. Assim, podemos inferir que a hipótese do ciclo de vida é observado quando analisamos esses proprietários nas diversas fases de suas vidas. Ao avaliarmos individualmente os proprietários, a hipótese do ciclo de vida se insere nas características na maioria dos proprietários, o que podemos demonstrar pela tabela abaixo.

**Tabela 11. Evolução da posse de escravos – primeira metade Século XIX.**

Proprietários	Característica		1828	1835	1840
	Idade 1828	E.Civil			
Antônio Rocha Loures	58	Casado	10	11	11
Silvério Antonio Oliveira	53	Casado	-	1	2
Jerônimo José Caldas	53	Casado	1	1	2
Jacob Dias Oliveira	33	Casado	1	2	4
Pedro José Pereira	22	solteiro	-	-	2
Antonio José Souza	30	Casado	1	-	1
João C. Assunção	31	Casado	1	2	2
José Siqueira Cortes	24	Solteiro	4	2	2
Joaquim Batista Santos	34	Casado	1	-	2
Antonio Sá Camargo	20	Solteiro	-	-	9
Manoel Mendes Araujo	50	Solteiro	4	6	7

Fonte: Listas nominativas de habitantes.

Apenas 1 proprietário dos 11 aqui selecionados apresentou queda na posse de escravos, e três proprietários mantiveram seus plantéis a partir do ano de 1835. Importante avaliarmos pelos dados da tabela o crescimento da escravaria, a partir do ano de 1840, explicado muito provavelmente pelo fortalecimento das atividades econômicas da localidade. A posse média de escravos foi superior em relação aos períodos anteriores.

Destacamos no trabalho alguns proprietários que faleceram em períodos após 1840 com o intuito de acompanhar suas trajetórias a partir de seus inventários. O período em que esses inventários foram produzidos inclui as décadas de 50, 60 e 70. Período esse que influenciou muito a política e as formas de aquisição de cativos pelos proprietários, visto as peculiaridades do mercado de escravos em função do fim do tráfico e também pelas leis internas que dificultavam a posse de escravos. Um desses proprietários está incluído nas listas nominativas nos anos de 28, 35 e 40. Os demais apesar de não fazerem parte de todas as listas, estão registrados nas listas de 35 e 40. A idade média dos proprietários quando de seu falecimento aproximava-se de 68 anos, ao mesmo tempo em que eles atingiam o máximo em termos de posse de escravos.

Considerando a atividade principal de cada um deles, 3 proprietários se ocupavam da criação de animais, 1 era eclesiástico, e 1 era militar. Apesar disso e verificando suas posses, observamos que aqueles que não tinham declarado como principal atividade a criação de animais tinham como atividade secundária essa atividade. Ao verificarmos seus bens quando da pesquisa aos inventários, observamos o padrão de suas posses em Réis.

**Tabela 12. Evolução da escravaria e padrão de riqueza – Proprietários selecionados**

Proprietário	Idade Inventário	1828	1835	1840	Inventário		Riqueza em Réis
					Ano	Escravo	
José S. Cortes	55	4	2	2	1859	17	92:013\$000
Ponciano J. Araújo	50	-	5	5	1854	5	57:192\$000
Bernardino J. Lacerda	68	-	4	3	1868	22	136:483\$000
Hermenegildo Araújo	83	-	1	1	1877	4	19:465\$844
Joaquim J. Lacerda	75	-	3	3	1877	8	51:471\$585

Fonte: Processos de Inventário.

Pela tabela acima, podemos verificar a evolução da escravaria de cada proprietário e seu crescimento no tempo. A posse de cativos para esses proprietários evoluiu de acordo com o seu ciclo de vida, e mesmo considerando que alguns deles mantiveram o mesmo número de cativos em relação aos anos anteriores, o valor de suas posses quando do arrolamento de seus bens, mostra-nos um importante patrimônio adquirido pelos anos de sua vida. Isto pode ser confirmado pela avaliação quando da formalização através dos inventários *post-mortem* da riqueza dos proprietários. Para uma região onde suas atividades eram predominantemente voltadas para o mercado interno, é expressivo os números apresentados pelos inventários, se compararmos com aquelas regiões<sup>6</sup> já estudadas e voltadas para a produção para o mercado externo, considerando a média de escravos possuídos.

<sup>6</sup> Diversos estudos sobre a distribuição da riqueza por proprietários de escravos já foram realizados e citamos alguns deles como o de Zélia Cardoso de Mello, 1985; Renato Leite Marcondes, 1998; Carlos Lima, 1995 e Sheila de Castro Faria, 1994.

## Considerações Finais

Neste artigo procuramos estudar a estrutura de posse de cativos e as trajetórias de alguns proprietários de escravos durante o século XIX. Região esta localizada no terceiro planalto paranaense, e que durante a primeira metade do século era pertencente a Comarca de São Paulo, assim como todo o Paraná.

As fontes utilizadas baseiam-se nas listas nominativas de habitantes para os anos de 1828, 1835 e 1840 e nos processos de inventários *post-mortem* para alguns proprietários aqui estudados.

Com a política de ocupação intensificada a partir da primeira metade do século XIX, observamos a intensificação quanto a posse média de escravos para os períodos analisados, com um crescimento bastante significativo das escravas nos plantéis, o que trará um outro significado para as conclusões quanto a evolução na composição dos plantéis. O perfil da estrutura de posse de escravos em ambas as fontes mostra-nos uma razão de masculinidade importante para os períodos selecionados, independentemente do tamanho dos plantéis, ao mesmo tempo em que a preferência por homens escravos se relaciona muito provavelmente com suas atividades econômicas voltada para a pecuária.

O tamanho dos plantéis demonstra um padrão de posse voltado para os pequenos plantéis, característica das economias voltada para o abastecimento interno e com suas atividades voltadas para o campo. Apesar disso, encontramos alguns proprietários concentrando a força de trabalho escrava na região, demonstrando assim que a propriedade em Guarapuava também teve uma distribuição não homogênea, face as relações de poder econômico, político e social na localidade.

Quanto ao perfil da propriedade, observamos que a maioria delas era encabeçada por homens, enquanto isso a idade média dos proprietários evoluiu no tempo, determinando dessa forma padrões de posse e de riqueza compatíveis com o ciclo de vida do proprietário. A maioria deles era casado, mas com importante percentual de solteiros, provavelmente em função da política de migrações que estava acontecendo no período. Além disso, devemos salientar que a qualidade dos recenseamentos prejudica uma análise mais detalhada de alguns dados, visto o número de proprietários que não possuíam registro do seu estado civil nas listas. Com relação a cor, os proprietários em sua grande maioria eram brancos, mas vale aqui a questão anteriormente levantada,

quanto as dificuldades encontradas pelo recenseador face as poucas informações sobre esse item.

A posse média de escravos se mostrou crescente nos períodos analisados, e ao analisarmos a amostra daqueles proprietários selecionados e que se encontravam nas três listas, observamos que esses proprietários apresentaram uma posse média superior àquela encontrada para o total dos proprietários. Isto reflete na importância do ciclo de vida para a formação de patrimônio durante a trajetória de vida dos proprietários. A relação entre a posse de escravos e a faixa etária dos proprietários, confirma a hipótese de que seu patrimônio cresce de acordo com a idade deste, com tendência de queda quando no final de sua vida. Pelas características do plantel, e de ocupação da localidade, os proprietários apresentam plantéis maiores, no início do período, nas faixas etárias entre 20-39, e após alguns anos, essa relação se altera apresentando plantéis maiores naquelas faixas etárias consideradas como medianas.

Ao analisarmos os inventários para alguns proprietários de escravos, observamos a importância da trajetória por eles traçadas, visto o valor de suas posses. A evolução no tempo da escravaria é significativa para os padrões estabelecidos para Guarapuava. Os valores dos bens arrolados demonstra um perfil de riqueza importante, principalmente ao verificarmos que a grande maioria desses proprietários possuía grandes extensões de terras e um número significativo de animais. Importante ressaltar, no período analisado, as características quanto a posse de escravos, bem como o valor das terras arroladas que sofrem muitas modificações em função não só do fim do tráfico internacional de escravos, pelas leis que determinavam limites na aquisição de escravos e, finalmente com relação a política de terras, face a lei de terras de 1850, quando do arrolamento dos inventários. Entretanto, além de não fazer parte dos objetivos da pesquisa, essas importantes medidas implantadas a partir da segunda metade do século XIX, não produzem efeitos diretos com relação ao tamanho de suas posses.

**Tabela 1. Distribuição da escravaria por proprietário**

<b>Discriminação</b>	<b>1828</b>		<b>1835</b>		<b>1840</b>	
Escravos	43		82		94	
. Masculino	29		49		59	
. Feminino	14		33		35	
. RM	207		145		168	
Nº Proprietários	16		30		25	
Média Plantel	2,7		2,7		3,8	
. Masculino	1,8		1,6		2,3	
. Feminino	0,9		1,1		1,4	

Fonte: Listas nominativas de habitantes.

**Tabela 2. Tamanho dos plantéis**

<b>Plantel Escravos</b>	<b>1828</b>		<b>1835</b>		<b>1840</b>	
	<b>Quant.</b>	<b>Média</b>	<b>Quant.</b>	<b>Média</b>	<b>Quant.</b>	<b>Média</b>
1 – 4	14	1,9	26	2,1	17	2,3
5 – 9	1	6	3	5,3	7	6,1
10 ou +	1	10	1	11	1	11
Total	16	2,7	30	2,7	25	3,8

Fonte: Listas nominativas de habitantes.

**Tabela 3. Perfil dos Proprietários de escravos**

<b>Discriminação</b>	<b>1828</b>			<b>1835</b>			<b>1840</b>		
	<b>M</b>	<b>F</b>	<b>T</b>	<b>M</b>	<b>F</b>	<b>T</b>	<b>M</b>	<b>F</b>	<b>T</b>
Nº Proprietários	16	-	16	28	2	30	24	1	25
. Participação %	100%	-	100%	93%	7%	100%	96%	4%	100%
. Idade média	35	-	35	40	-	40	42	-	42
Estado Conjugal:									
. Casado (%)	73%	-	73%	82%	-	82%	74%	-	74%
. Solteiro (%)	27%	-	27%	18%	-	18%	26%	-	26%
. Viúvo (%)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cor Proprietário:									
. Branco (%)			80%			88%			95%
. Pardo (%)			20%			12%			5%

Fonte: Listas nominativas de habitantes.

**Tabela 4. Perfil da escravaria por faixa etária dos proprietários**

<b>Faixa etária</b>	<b>1828</b>	<b>1835</b>	<b>1840</b>
20-29	10	5	10
. Masculino	7	3	7
. Feminino	3	2	3
. RM	233	150	233
30-39	12	37	23
. Masculino	6	21	16
. Feminino	6	16	7
. RM	100	131	228
40-49	10	2	26
. Masculino	7	1	18
. Feminino	3	1	8
. RM	233	100	225
50-59	8	20	22
. Masculino	6	11	12
. Feminino	2	9	10
. RM	300	122	120
60-69	-	4	4
. Masculino	-	3	1
. Feminino	-	1	3
. RM	-	300	33
Absenteístas	3	14	9
. Masculino	3	11	5
. Feminino	-	3	4
. RM	-	367	125
Total	43	82	94
. Masculino	29	49	59
. Feminino	14	33	35
. RM	207	148	169

Fontes: Listas nominativas de habitantes.

**Tabela 5. Ocupação dos proprietários de escravos**

Ocupação	1828		1835		1840	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Militar	1	6,2%	2	6,8%	5	20,0%
Alferes	1	6,2%	1	3,3%	-	-
Fazendeiro	1	6,2%	10	33,3%	6	24,0%
Comerciante	-	-	1	3,3%	1	4,0%
Criador	-	-	13	43,4%	6	24,0%
Juiz	-	-	1	3,3%	-	-
Carpinteiro	-	-	1	3,3%	-	-
Lavrador	-	-	-	-	3	12,0%
Eclesiástico	-	-	1	3,3%	1	4,0%
Sapateiro	-	-	-	-	1	4,0%
Capataz	-	-	-	-	1	4,0%
Inspetor	-	-	-	-	1	4,0%
Novos Habitantes	13	81,4%	-	-	-	-
Total	16	100,0%	30	100,0%	25	100,0%

Fonte: Listas nominativas de habitantes.

**Tabela 6. Perfil dos proprietários por faixa etária e por faixa etária dos plantéis**

Descrição	1828			1835			1840		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T
<b>Proprietários 20-29</b>									
. 0-14	2	2	4	1	-	1	2	1	3
. 15-49	5	1	6	1	2	3	5	2	7
. 50 ou +	-	-	-	1	-	1	-	-	-
<b>Proprietários 30-39</b>									
. 0-14	4	3	7	6	5	11	5	1	6
. 15-49	2	2	4	15	11	26	11	6	17
. 50 ou +	-	1	1	-	-	-	-	-	-
<b>Proprietários 40-49</b>									
. 0-14	5	1	6	-	-	-	5	2	7
. 15-49	2	2	4	1	1	2	12	6	18
. 50 ou +	-	-	-	-	-	-	-	1	1
<b>Proprietários 50-59</b>									
. 0-14	2	1	3	4	2	6	3	3	6
. 15-49	4	1	5	7	7	14	9	5	14
. 50 ou +	-	-	-	-	-	-	-	2	2
<b>Proprietários 60-69</b>									
. 0-14	-	-	-	2	1	3	-	-	-
. 15-49	-	-	-	1	-	1	1	3	4
. 50 ou +	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Absenteístas</b>									
. 0-14	-	-	-	3	-	3	2	1	3
. 15-49	3	-	3	8	3	11	3	3	6
. 50 ou +	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Total</b>									
. 0-14	13	8	21	16	7	23	17	8	25
. 15-49	16	5	21	32	26	58	41	25	66
. 50 ou +	-	1	1	1	-	1	-	3	3

Fonte: Listas nominativas de habitantes.

**Tabela 7. Características dos proprietários selecionados**

<b>Discriminação</b>	<b>1828</b>	<b>1830</b>	<b>1840</b>
. c/escravos	8	7	11
. % proprietários	50,0%	23,0%	44,0%
. % escravos	53,5%	30,5%	46,8%
. idade média	38	48	46

Fonte: Listas nominativas de habitantes.

**Tabela 8. Distribuição da escravaria por proprietário**

<b>Discriminação</b>	<b>1828</b>	<b>1830</b>	<b>1840</b>
Escravos	23	25	44
. Masculino	17	15	28
. Feminino	6	10	16
. RM	283	150	175
Nº Proprietários	8	7	11
Média Plantel	2,9	3,6	4,0
. Masculino	2,1	2,1	2,5
. Feminino	0,8	1,4	1,4

Fonte: Listas nominativas de habitantes.

**Tabela 9. Profissão dos proprietários e número médio de escravos**

<b>Profissão</b>	<b>1828</b>		<b>1835</b>		<b>1840</b>	
	<b>Quant.</b>	<b>Escravos</b>	<b>Quant.</b>	<b>Escravos</b>	<b>Quant.</b>	<b>Escravos</b>
Militar	1	10	1	11	2	13
Comerciante	-	-	1	1	1	2
Criador	-	-	4	7	3	13
Fazendeiro	-	-	-	-	2	11
Lavrador	-	-	-	-	2	3
Inspetor	-	-	1	6	-	-
Alferes	1	4	-	-	-	-
Novos Habitantes	6	9	-	-	1	2
Total	8	23	7	25	11	44

Fonte: Listas nominativas de habitantes.

**Tabela 10. Características da escravaria por faixa etária do proprietário**

<b>Faixa Etária</b>	<b>1828</b>	<b>1835</b>	<b>1840</b>
20-29	1	-	-
. Masculino	4	-	-
. Feminino	-	-	-
. RM	-	-	-
30-39	4	2	4
. Masculino	1	3	11
. Feminino	3	1	4
. RM	33	300	275
40-49	1	1	3
. Masculino	7	1	5
. Feminino	3	1	2
. RM	233	100	250
50-59	2	3	2
. Masculino	5	11	11
. Feminino	-	7	7
. RM	-	157	220
60-69	-	1	2
. Masculino	-	-	1
. Feminino	-	1	3
. RM	-	-	33
Total	8	7	11
. Masculino	17	15	28
. Feminino	6	10	16
. RM	283	150	175

Fonte: Listas nominativas de habitantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

1. Franco Netto, Fernando. *Senhores e Escravos no Paraná Provincial: os padrões de riqueza em Guarapuava 1850-1880*. Dissertação de Mestrado. Guarapuava. 2000.
2. Costa, Iraci del Nero & Gutierrez, Horácio. *Paraná. Mapas de Habitantes 1798-1830*. Instituto de Pesquisas Econômicas. São Paulo. 1985.
3. Faria, Sheila Siqueira de Castro. *A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial - Sudeste, século XVIII*. Tese Doutorado - ICFH/UFF, 1994.
4. Florentino, Manolo & Góes, José Roberto. *A paz das senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro 1790-1850*. Civilização brasileira. Rio de Janeiro. 1997.
5. Gutierrez, Horácio. *Senhores e escravos no Paraná. 1800-1830*. Dissertação de Mestrado. São Paulo. 1986.
6. Lima, Carlos M. *Escravidão e famílias livres: o caso dos artesãos da cidade do Rio de Janeiro 1797/1845*. Cadernos do laboratório interdisciplinar de pesquisas em História Social. Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ. n°1, 1995.
7. Marcondes, Gracita Gruber & Abreu, Alcioly T.G. *Escravidão e trabalho*. UNICENTRO. Guarapuava. 1991.
8. Marcondes, Renato Leite. *A arte de acumular na economia cafeeira: Vale do Paraíba, século XIX*. Lorena, SP. Siciliano, 1998.
9. Mello, Zélia M.C. de. *Metamorfozes da riqueza: São Paulo, 1845-1895*. São Paulo. Hucitec, 1985.
10. Motta, José Flávio. *Corpos escravos, vontades livres: posse de cativos e família escrava em Bananal 1801-1829*. FAPESP. Annablume. São Paulo. 1999.

## RESUMO

Na presente pesquisa, pretende-se avaliar algumas características da estrutura de posse de escravos, a partir das listas nominativas de habitantes dos anos de 1828, 1835 e 1840, período este considerado como de ocupação da região permitindo assim a migração de uma população caracterizada como militares e de proprietários de escravos com condições de desenvolverem as atividades da pecuária, além de pequenos lavradores e agregados e de poucos comerciantes. Além disto, estaremos preocupados em observar alguns elementos característicos dos proprietários de cativos, observando sua trajetória de vida, a fim de avaliar como eles possuíam cativos durante a evolução de suas vidas, conforme progrediam em suas atividades econômicas. Finalmente, procuramos cruzar essas mesmas características, para determinados escravistas, quando de sua morte, através dos inventários *post-mortem*. A posse média de escravos demonstra a tendência de aumento na propriedade de cativos à medida que a idade dos proprietários aumentava, dando condições para que possamos levantar a hipótese do ciclo de vida. Portanto, estaremos preocupados em estudar a evolução da propriedade e de como a hipótese do ciclo de vida faz-nos compreender melhor a composição da riqueza em cativos.

**Palavras-chaves:** Posse de escravos, Ciclo de vida, Riqueza, Atividade econômica.